

A PARATEXTUALIDADE EM *REPRODUÇÃO* DE BERNARDO CARVALHO

OTERO, Júlia¹; SPAREMBERGER, Alfeu;

¹UFPel – julia.otero@gmail.com

²UFPel – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O tema do trabalho será a paratextualidade dentro do livro *Reprodução* do escritor brasileiro contemporâneo Bernardo Carvalho. De acordo com Genette (2010), a paratextualidade é tudo que envolve o texto principal. Neste trabalho, iremos focar no título em si e em três epígrafes que acompanham cada um dos três capítulos. O objetivo é entender o que os textos de fora complementam a informação interna, ou seja, como esses elementos externos dialogam com a obra e falam sobre a mesma.

Para isso, iremos nos apoiar nos autores que são mencionados diretamente nas epígrafes: Houellebecq (2015), Ortega y Gasset (1937) e Lowry (2010). Para entender o título, iremos nos apoiar em Confúcio (2006) e o próprio Carvalho (2013).

2. METODOLOGIA

Foram procurados os textos originais de onde foram tiradas as frases que brindam todo início de novo capítulo. A partir disso, cada obra foi analisada e feita a conexão entre o texto de Carvalho (2013) e a obra de onde saiu a citação. Para análise do título, foram capturadas algumas entrevistas dadas a meios de comunicação e também teóricos que o próprio autor cita.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado é de que os textos escolhidos têm forte conexão com a narrativa e a teoria desenvolvida por Carvalho (2013). No primeiro capítulo chamado “a língua do passado”, aparece apenas um homem identificado como estudante de chinês que parece estar sendo interrogado, mas apenas sua voz é escrita. Ele emite preconceitos e lugares comuns abusados por internautas. Para abrir esse capítulo, Carvalho (2013) escolhe um trecho de Lowry (2010) cujo personagem central não reconhece a China até ignorar as diferenças e trata-la como um país ocidental. A conexão é que ambos personagens não conseguem deglutir uma ideia de outro diferente de si. Ou seja, no passado os diferentes não conseguiam se entender e não faziam esforço para isso.

O segundo capítulo em que Ortega y Gasset abre se chama “a língua do passado”. O filósofo espanhol é famoso por acreditar parcialmente no poder da utopia, mas com um tanto de negativismo: é preciso caminhar, mas o progresso não irá chegar. Poderia portanto se dizer que Carvalho (2013) quis dar a entender que essa noção de que a humanidade nunca chegará a uma evolução final, mas precisa da caminhada para progredir seria uma visão ultrapassada – já que o capítulo se chama “passado”. Outra interpretação é de que o título carrega esse nome por apresentar o crescimento da igreja evangélica e de algumas de suas vertentes serem contra algumas vitórias sociais de minorias como casamento gay. Como a temática de homossexualidade está presente em todo projeto literário de

Carvalho, é possível que ele veja o aumento de fiés como retrocesso e por isso inclua o tema no capítulo chamado “a língua do passado”.

Já o último capítulo chamado “a língua do futuro” tem epígrafe do controverso e contemporâneo Michel Houellebecq. O escritor francês é famoso por tocar em pontos polêmicos e por descrever a realidade com certo pessimismo. Pode-se dizer que seja um exemplo da nossa época – odiado por uns e amado por outros, cheio de contrariedades. Alguns o acusam de ser sexista, obsceno e racista – características que também poderiam ser transplantadas para o estudante de chinês de *Reprodução*. O capítulo chama-se “a língua do presente” e a história, nesse ponto, se confunde e o desfecho deixa dúvidas sobre os depoimentos do primeiro e segundo capítulos. Já o título *Reprodução* é por causa dessa falsa imagem de que a internet garante acesso a novidades, mas na verdade as pessoas apenas buscam mais do mesmo, repetindo as ideias que já tem e ficando na superfície.

4. CONCLUSÕES

A conclusão é de que em *Reprodução*, Carvalho demonstra uma visão negativa que tem do mundo: no passado, tentávamos ser melhores sem nunca chegar lá, no presente estamos perdidos sem referencial de bom e ruim, tudo é misturado e, no futuro, já não entenderemos mesmo qualquer diferença porque cada um ficará focado em si. O trabalho apresenta inovação por mostrar além do projeto literário do autor, mas também uma visão de mundo dele intrínseca à sua obra.

A história também se confunde e o desfecho deixa dúvidas sobre os depoimentos do primeiro e segundo capítulos. Questões que ficam em aberto, como uma narrativa típica do pós-modernismo que Hutcheon (1991) já esmiuçou. A dificuldade em diferenciar verdade e mentira parece dialogar com a ideia de que já não existem maniqueísmos de bom e ruim. A pós-modernidade fabrica sujeitos complexos que podem, no fundo, trazer novos fascistas disfarçados de novidades. E identifica-los não é fácil, já que internet, fonte de informação, pode apenas espalhar mais inverdades ou preconceitos. O rico no texto de Carvalho é não fazer menções explícitas a essas questões, mas referendá-las a partir de histórias privadas que demonstram o imaginário coletivo comum. Nesse sentido, a obra contribui para uma análise da atualidade e da superficialidade das relações e dos conteúdos adquiridos por cada um.

O presente trabalho também se mostra atual não só pela compreensão dos temas abordados, mas também pela metodologia empregada. Analisar a paratextualidade é uma corrente forte no estudo da literatura comparada. E, com esse método, foi possível captar ainda mais a intenção do autor na crítica à sociedade atual e crise de informação aprofundada vistas hoje.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

CARVALHO, Bernardo. **Reprodução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CONFÚCIO. **Os Analectos**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

HOUELLEBECQ, Michel. **Submissão**. São Paulo: Alfaguara Brasil, 2015.

Tese/Dissertação/Monografia

LEITÃO, Maria. **Uma tradução comentada de Malcolm Lowry**. 2010. Mestrado em tradução – Departamento de Linguística, Universidade de Lisboa.

Documentos eletrônicos

ORTEGA Y GASSET, José. **Miseria y esplendor de la traducción**. Buenos Aires: La Nation, 1937. Tradução de BEZERRA, Mauri Furlan Mara Gonzalez Scientia Traductionis, n.13, 2013 UFSC. Acessado em 13 de julho de 2015. Disponível em :

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30232/25187>